



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**KARINA BALESTRA DA LUZ (2)**

**(Entrevista)**

**2018**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-845

**Entrevistada:** Karina Balestra da Luz

**Nascimento:** 21/01/1982

**Local da entrevista:** Escola Educação Física, Fisioterapia e Dança - Porto Alegre, RS

**Entrevistadora:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Data da entrevista:** 22/01/2018

**Transcrição:** Bruna Moraes Costa

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Mayara Cristina Mendes Maia e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 23 minutos

**Páginas Digitadas:** 10

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Mayara Cristina Mendes Maia intitulada *(Des)impedimentos no futebol de mulheres: coloradas e gremistas de volta aos campos* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em 2021

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Atuação no Sport Clube Internacional; Estrutura do clube; Atuação fora do Brasil; Atuação no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Estrutura do clube; Participação no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; Momentos marcantes na competição; Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino; Mídia e divulgação do futebol feminino; Melhorias necessárias para o desenvolvimento do futebol feminino; Visibilidade do Campeonato Gaúcho; Influência dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Porto Alegre, 22 de janeiro de 2018. Entrevista com Karina Balestra da Luz a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. - Boa tarde Karina, primeiramente obrigada pelo aceite da entrevista. Quero dizer que você joga muito, que eu acompanhei todo o campeonato e adorei te ver em campo. Parabéns foi uma ótima atuação, de verdade. Para iniciar nossa conversa, gostaria de te perguntar se você já tinha atuado pelo Inter<sup>1</sup> e como foi sua participação naquele período?

K.L. - Eu comecei no Inter com 15 anos, na equipe Sub-17e e aí logo ingressei no adulto no ano seguinte e ali permaneci até 2003. Eu tive uma saída, fui jogar em São Paulo e daí fiquei de 2004 a 2007 em São Paulo, voltei, joguei no Inter em 2007, uma etapa da Copa do Brasil e depois retornei de novo para São Paulo e onde eu fui para fora em 2010. Eu fui para fora, mas eu fiquei, joguei no Inter durante sete anos seguidos, depois voltei em 2007 joguei mais um ano e agora retornei em 2018.

M.M. - E como era a estrutura nesse período que você jogava por lá? Tanto estrutura física quanto de organização, comparado a outros locais que você já jogou.

K.L. - Aqui no Inter?

M.M. - Isso, mas naquele período.

K.L. - É, naquela época era mais difícil porque não tinha tanta divulgação, o futebol feminino não tinha muita vitrine, então, a gente dependia muito só do clube para ter as coisas. Mas foi uma época boa, até porque a gente conseguia viver só do futebol.

M.M. - Vocês recebiam salário?

K.L. - A gente tinha... No começo a gente tinha uma ajuda de custo e tal, depois assinaram as nossas carteiras. De todas as atletas e dali a gente foi até 2003 com carteira assinada, tinha toda a estrutura do clube, ganhava todo o apoio do clube e só que, claro, comparado a

gente estava sempre atrás dos times de São Paulo. Sempre! Os times de São Paulo sempre tinham os maiores salários, no Rio de Janeiro, São Paulo, então, em termo financeiro não era tão bom quanto hoje. Hoje tem meninas aqui de 16, 17 anos que já ganham um salário bom para a idade e aquela época comparada a essa idade a gente não tinha esse salário, mas tínhamos carteira assinada e tudo.

M.M. - E a estrutura, no sentido de bolas e material, vocês tinham?

K.L. - Tudo, tudo. Ganhávamos toda a estrutura do Inter de materiais de treino.

M.M. - Vocês tinham atendimento médico, fisioterapêutico quando precisavam?

K.L. - Sim, sim, tudo isso.

M.M. - E hoje, quais as principais diferenças que você consegue perceber da visão que está acontecendo hoje, tanto no Grêmio<sup>2</sup> quanto Inter, para aquele período, nesse sentido estrutural?

K.L. - É que assim: é que hoje em dia, por exemplo, agora tem Inter e Grêmio, os dois times podem estar na mesma competição que é o Campeonato Brasileiro. A gente já fica pensando, imagina um GreNal<sup>3</sup> no Campeonato Brasileiro, é um sonho. O meu sonho é jogar um GreNal dentro do Beira Rio<sup>4</sup> e conseguir assim levar quinze, vinte mil pessoas talvez, até trinta mil. Por que não? A diferença hoje é isso: naquela época a gente dificilmente se enfrentaria em um Brasileiro, acho que a gente se enfrentou uma vez só, Inter e Grêmio. Mas hoje a gente tem a possibilidade de ter um GreNal no Campeonato Brasileiro, que é uma coisa que não acontece desde 2001, foi o ano que teve GreNal. E, claro, com esse passo enorme que o futebol feminino deu, com a obrigação que a CBF<sup>5</sup> dos clubes de ter o futebol feminino. Eu mesmo fui contra isso, acho que não tem que ser obrigada, acho que tem que ser... É ruim para nós isso, porque parece que a gente está

---

<sup>1</sup> Sport Club Internacional.

<sup>2</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

<sup>3</sup> Clássico entre os clubes 1 Grêmio e Internacional.

<sup>4</sup> Estádio do Sport Club Internacional.

<sup>5</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

atrapalhando, mas se tiver que ser assim para ter, então melhor que seja. Mas eu acho que tem tudo aí para esse 2018 e 2019. Quem sabe eu ainda esteja jogando, eu me sinto bem para jogar fisicamente, eu espero pelo menos jogar esse ano, o ano que vem, em boas condições físicas.

M.M. - Você já jogou alguma vez no Grêmio ou teve alguma possibilidade antes do ano passado?

K.L. - Eu quase fui para o Grêmio em 2000. Logo que eu comecei a minha carreira eu quase fui para o Grêmio, mas acabei não indo porque o Inter fez uma contraproposta. O Grêmio me fez uma proposta e o Inter me fez uma contraproposta e eu acabei ficando no Inter, então, esse ano eu não tive dúvidas também de voltar para o Inter.

M.M. - Você já jogou fora do país... Quais pontos você citaria que o Brasil ainda falta crescer para se comparar com os locais que você já foi?

K.L. - É, eu joguei na Coreia do Sul, na Ásia, onde o futebol feminino é muito forte, tanto fisicamente, quanto financeiramente. Estruturalmente o futebol lá é muito forte, eles são muito evoluídos na parte de estrutura, de clube, eles não pecam em nada assim para o masculino. Eles tratam a gente igual ao masculino, a gente sai na rua, sai num *shopping* todo mundo conhece, porque lá os jogos passam na TV direto, então, o Brasil pode seguir o modelo da Coreia do Sul. Porque lá eles fazem uma liga muito forte, a primeira liga que é onde eu joguei e eu acho que falta ainda muito para o Brasil chegar lá. Mas eu acho que o Brasil está no caminho certo, com os clubes agora investindo, o Brasil está no caminho certo.

M.M. - E como se deu a sua entrada no Grêmio agora em 2017?

K.L. - O Grêmio fez uma parceria com a Associação Gaúcha de Futebol Feminino, que é da Federação<sup>6</sup> e eles fizeram do Campeonato Gaúcho uma Seleção e daí eu fui selecionada para essa Seleção. Fui chamada pela professora Patrícia<sup>7</sup> para fazer parte da Seleção

---

<sup>6</sup> Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>7</sup> Patrícia Regina Gusmão.

Gaúcha e daí eu aceitei o convite, aceitei o desafio, até porque eu queria jogar o Campeonato Brasileiro. Em 2016 eu não joguei o Campeonato Brasileiro, nem Copa do Brasil, fiquei o ano todo só jogando o Campeonato Estadual e eu acho o Campeonato Estadual muito fraco ainda, o nosso Campeonato Estadual. Então eu fiquei um ano sem jogar campeonato nacional e eu queria voltar a jogar na elite do futebol, que é o Campeonato Brasileiro e acabei aceitando o desafio do Grêmio e a proposta do Grêmio junto com a Federação, a Associação. E foi onde eu ingressei no Grêmio, aí depois a partir de julho ficou só o Grêmio, saiu a Associação, ficou só o Grêmio para disputar o Gauchão<sup>8</sup>. Eles me fizeram uma proposta, o Inter também fez para eu vir jogar no Inter só que, como eu estava no Grêmio, eu assumi um compromisso no Grêmio até o dia 31 de dezembro de 2017 e eu resolvi permanecer no Grêmio em 2017, vim a conversar com a Duda<sup>9</sup> que eu iria ficar no Grêmio em 2017, mas que em 2018 eu voltaria para o Inter.

M.M. - E nesse período vocês recebiam auxílio, salário ou algum tipo de ajuda?

K.L. - Sim, desde o começo a gente recebia salários todo mês certinho. A gente recebeu até agora dia 10 de janeiro.

M.M. - E o que você acha dos recursos e dos apoios que o Grêmio oportunizava para vocês?

K.L. - No Campeonato Brasileiro foi muito... Como foi junto com a Associação e era Campeonato Brasileiro, então, a gente foi um pouquinho mais remunerada pelo fato de estar jogando uma competição mais difícil. Depois no Campeonato Gaúcho eles deram uma reduzida em alguns salários, mas continuou a mesma estrutura. Foi uma estrutura boa assim, acredito que o Grêmio tentou fazer. A Patrícia queria ter trazido mais jogadoras de fora, mas o Grêmio não estava dando tanto aquele apoio financeiro como a gente precisava. Mas mesmo assim conseguimos fazer um time bom, mantemos as melhores do Brasileiro e conseguíamos treinar ali quatro, cinco vezes na semana às vezes. Mas eu acho que poderia ter sido melhor, sabe? Eles poderiam ter investido mais pelo fato de ser Grêmio, poderiam ter investido mais, mas enfim, vivendo e aprendendo. Agora eles viram

---

<sup>8</sup> Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

<sup>9</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

que eles perderam as melhores jogadoras e a treinadora também, pode ser que a gente tenha ajudado também, pode ser que a gente tenha até ajudado, mesmo saindo de lá a gente tenha ajudado eles a acordar e ver que eles estão ficando para trás, que o Inter está dando toda a estrutura necessária e eles estão ficando para trás. Eu espero que dê tudo certo lá, eu tenho um carinho enorme pelo Grêmio, espero que eles dê continuidade com as meninas que ficaram lá, que precisam, que gostam.

M.M. - Para você, como foi participar do Brasileiro pela série A2?

K.L. - Bom, independente dos resultados negativos que a gente teve, é um campeonato que eu adoro jogar, que é a elite como eu te falei antes. Então para mim foi super bom, estar entre as melhores do Brasil jogando no Grêmio ainda que é um clube de camisa e eu faria tudo de novo, mesmo sabendo que poderia ter acontecido aquilo da gente ter sido rebaixada. A gente sabe que não foi culpa nossa, das atletas, nem da comissão técnica, a gente viu que a gente precisava de mais estrutura, treinamentos, a gente estava...

M.M. - Foi um ano de experimento...

K.L. - Foi um ano de experimento, exatamente, mas mesmo a gente caindo a gente sabia que a gente não tinha a pior equipe. A gente tinha talvez, a sexta ou sétima melhor equipe do Campeonato, mas infelizmente aconteceu que... Mas eu não me arrependo de ter jogado, eu queria muito, por isso que eu assumi esse compromisso com o Grêmio e foi um ano que, claro, para mim nem tanto assim de aprendizado. Porque eu já perdi muito, já ganhei muito também jogando, mas para muitas meninas novas acho que serviu de aprendizado assim, que tem que treinar mais, tem que se dedicar mais.

M.M. - Teve algum momento marcante, positivo, dentro do Campeonato Brasileiro? Algum gol, algum lance?

K.L. - Com certeza! Os primeiros jogos ali, o primeiro jogo em casa que eu fiz o gol aos 47 minutos do segundo tempo. Estava 0x0 e eu fiz o gol. O outro jogo bem marcante

também foi lá em Recife contra o Sport<sup>10</sup> na Ilha do Retiro. Eu me lembro que a arquibancada deles estava lotada, a parte inferior e eu fiz o gol aos 42 minutos do segundo tempo. [riso] E eu fui conhecida como atacante que faz gol quase nos acréscimos, então, ali eu empatei o jogo em 1x1 E era o segundo jogo do Campeonato Brasileiro. Eu sabia que um empate ou uma vitória fora contra o Sport, que é uma equipe qualificada, para nós ia ser um bom resultado. Então quando eu fiz aquele gol também foi... Foram os dois jogos mais marcantes, claro que a gente sempre fala das vitórias, mas o jogo contra o Corinthians<sup>11</sup> lá em São Paulo que a gente perdeu também foi um jogo marcante para mim, porque eu já joguei no Corinthians, então reencontrar assim de novo um clube que eu já passei também foi bom.

M.M. - E como foi para você participar do Gauchão?

K.L. - Gauchão... Como eu falei, eu havia assumido esse compromisso com o Grêmio de jogar o Campeonato Gaúcho e depois ver o que eu ia fazer da minha vida. E o Campeonato Gaúcho para mim foi o primeiro Campeonato Gaúcho que eu perdi em... Eu não perdia Campeonato Gaúcho desde 2002 [risos], então isso daí da uns quinze anos. Pois é, fazia quinze anos que eu não perdia um Campeonato Gaúcho, mas enfim, às vezes as minhas amigas brincam: “Poxa, tu quer ganhar todo o ano? Deixa para os outros um pouco.” A mesma coisa...

M.M. - E você vieram numa temporada muito boa, não é?

K.L. - Isso, a gente veio... Quem acompanhou a nossa trajetória junto com a do Inter e de outros clubes... A gente tinha a equipe mais qualificada, talvez foi um fator psicológico, alguma coisa que nos atrapalhou ali na final, de achar talvez... De algumas meninas titulares achar que já tinham ganho o jogo, por ter ganho o primeiro, talvez foi ruim ganhar o primeiro jogo. Às vezes isso atrapalha a outra equipe, mas não me arrependo também, tem gente que diz: “Mas se tu tivesse ido para o Inter no meio do ano tu teria sido Campeã Gaúcha.” Mas eu já fui Campeã Gaúcha pelo Inter, acho que sete ou oito vezes, oito vezes se não me engano. Tu tem oito títulos gaúchos pelo Inter, então eu queria ter um pelo

---

<sup>10</sup> Sport Club do Recife

<sup>11</sup> Sport Club Corinthians Paulista

Grêmio! [risos] Eu até brincava com uma menina que é minha amiga, a Rosana<sup>12</sup> que não está aqui hoje, no meio do jogo ela falava para mim: “Bah<sup>13</sup>, tu não fica bem de azul!” Daí eu falei: “Mas agora eu quero fazer a minha história aqui no azul, já fiz no vermelho, deixa eu fazer aqui no azul.” Brincadeiras à parte, que faz parte do futebol, eu acho que Inter ou Grêmio, qualquer um dos dois que tivesse ganho o Campeonato Gaúcho ia ser bom.

M.M. - E foi muito interessante, eu estava na torcida e escutava: “Volta para casa Karina, tu é Colorada Karina”. [risos]

K.L. - Lá no Beira Rio?

M.M. - Sim.

K.L. - [risos] É bem isso mesmo, a torcida me conhece, eles acompanham.

M.M. - E você sentiu algum tipo de pressão da torcida nesse sentido nesse ano de 2017 por ter sido Grêmio?

K.L. - Não, não. Acho que esse tipo de pressão não me afeta, que nem o pessoal falou: “O que tu sentiu de jogar dentro do Beira Rio contra o teu time de coração?” Eu falei: “O meu time de coração é o time que eu estou jogando.” Eu sempre falo isso, a gente é profissional, então a gente tem que... Sempre joguei dentro do Beira Rio pelo Inter e teve uma oportunidade que eu fui jogar contra o Inter, então esse tipo de pressão da torcida, de falar e coisa isso aí já passou. Já passei dessa fase, mas é sempre bom saber que a torcida acompanha a gente. Em nenhum momento eu fui xingada de alguma coisa, a torcida só falava mesmo para eu voltar, eu ouvi, falavam que eu era Colorada e tal [riso].

M.M. - E como está sendo esse início, quer dizer, esse retorno para o Inter?

K.L. - Bom, eu conheço algumas gurias já, as mais velhas pelo menos. Veio umas gurias que a gente já jogava ano passado, isso é bom porque a gente já se conhece. Tem umas

---

<sup>12</sup> Rosana dos Santos Augusto.

<sup>13</sup> Expressão regional do Sul do Brasil.

meninas bem novinhas, eu vi que tem umas meninas bem novinhas aqui, acho que eu nunca joguei num time tão novo, que tenham meninas tão novas, mas pode ser que seja uma experiência boa, até porque eu sou a mais velha do time e eu acredito que jogando com meninas mais novas também elas respeitam a gente. Respeitam a tua história e tal, até porque a gente jogou contra no ano passado, então, elas já me conhecem, mas para mim está sendo diferente assim, está sendo...

M.M. - E você está recebendo salário, vai assinar contrato?

K.L. - Sim, sim eu vou assinar carteira com o Inter até... Por um ano, acredito que até janeiro do ano que vem e depois eu vou ver o que pretendo fazer também. Se eu vou continuar jogando, eu pretendo jogar mais esse ano e o ano que vem, que é onde eu acho que o futebol feminino vai dar um salto enorme, que é 2018, 2019, pretendo jogar em alto nível pelo menos até 2020, depois eu vejo aí o que eu vou fazer.

M.M. - Eu vou acompanhar então até lá. [risos] E qual a tua visão das mídias nessa nova fase, já que você de como jogadora de 1997 e tudo mais e hoje em dia como você está vendo essa visibilidade maior das jogadoras?

K.L. - É que naquela época mesmo, não tinha muito acesso as redes sociais, hoje em dia tu abre um Instagram tem ali vários sites de futebol feminino, onde aparece todas...

M.M. - Você acredita que isso interfere no clube de certa maneira positiva ou negativa?

K.L. - Eu acho assim: tem algumas coisas que interferem negativamente, sabe? Tem gente que fala muita coisa que não é verdade, entendeu? No Grêmio, mesmo ano passado, ninguém sabia da nossa realidade, ninguém sabia que a gente treinava só três vezes na semana perto de um Corinthians que treinava seis, sete. Então vinha muitas críticas na Internet: “Porque o time do Grêmio vai ser rebaixado...” “Porque o time do Grêmio está fazendo fiasco...” Mas não sabiam que a gente só treinava três vezes, que a gente ganhava um terço do que as gurias dos outros times ganhavam, não sabiam que a gente não podia contratar jogadoras de fora, só as do Rio Grande do Sul. E jogar com jogadoras só daqui não dá, porque as gurias daqui nunca tiveram uma estrutura, nunca tiveram experiência,

então, talvez isso reflita negativamente. Eu, particularmente, tem umas coisas assim que eu nem abro, eu olho assim que o título é... Nem abro para ver, sabe, que é gente que fala muita mentira, muita coisa nada a ver.

M.M. - E você tem sentido a mudança positiva quanto à participação da Federação Gaúcha e da própria Associação que organizou o Gauchão?

K.L. - Eu que o Campeonato Gaúcho agora, como vai ter Inter e Grêmio eu acho que tem que ser passado para a Federação Gaúcha o mais rápido possível. A gente tem que ter um Campeonato pela Federação e não por uma Associação que é através da Federação, porque o futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul vai evoluir muito esse ano. Já evoluiu ano passado com Inter e Grêmio, digo mais Inter e Grêmio, porque eu acho que os times do interior, eles têm que investir mais também. Não podem ficar tomando vinte, quinze, não pode, tem que ser um campeonato mais ou menos equilibrado, então, eu acho que esse ano poderia, eu já ouvi falar uns boatos que vai ser passado para a Federação.

M.M. - Já que você veio jogando esses anos todos o Estadual, você sentiu uma diferença marcante nesse específico, por ter o Grêmio e o Inter? Tanto de visibilidade quanto das jogadoras?

K.L. - Com certeza, a semana que a gente... O ano que a gente começou no Inter naquela época não tinha tanta visibilidade pelo fato... Eu te falei das redes sociais, não ter acesso... Hoje em dia não, hoje em dia é... Que nem ano passado foi um campeonato que teve visibilidade o Campeonato Gaúcho inteiro. Sempre tinha alguma coisa na Internet, mas não que a Associação postasse. Os clubes postavam, Grêmio, Inter, Black Show, Oriente<sup>14</sup>, esses times assim postavam, mas a Associação em si mesmo tu não via muita... Não tinha muita coisa, eu até procurava e não achava muita coisa.

M.M. - Só mais duas perguntas: A gente viu que tinham muitas dificuldades antes que hoje algumas já foram vencidas, mas quais são as dificuldades que você vê que ainda são as principais no impedimento da mulher jogar futebol aqui no Rio Grande do Sul?

K.L. - Eu acho que essa questão do clube aceitar, do clube abraçar, do clube querer que o futebol feminino cresça, colocando um jogo dentro do estádio, o público indo assistir o jogo. Porque às vezes tu põe lá o jogo é um quilo de alimento... Se tu põe um jogo, jamais vou comparar com o masculino, mas agora fazendo uma comparação, mas tu põe um jogo masculino, um GreNal, um quilo de alimento, lota e vão ter que deixar gente na rua. Então eu acho falta ainda divulgação bastante, da parte do clube também fazer, mas eu acredito que esse ano talvez já deu um salto enorme para que isso aconteça, ainda mais com o Inter investindo do jeito que está investindo. E a torcida do Inter é muito grande também, se tu percebeu lá no GreNal acho que a torcida fez muita diferença no GreNal. A torcida do Inter e eu acho que assim, impedir de jogar acho que não tem mais como impedir, porque eu acho que as mulheres já tomaram conta do negócio. O que eu quero mesmo é visibilidade assim sabe, que as meninas possam viver só do futebol, não precisa sair dali e ir trabalhar.

M.M. - Você tem sentido que graças a essas novas mudanças o preconceito tem ficado mais afundado nessa instância?

K.L. - Com certeza. Eu acho que depois das Olimpíadas no Rio<sup>15</sup> o estádio lotou para ver Brasil jogar o feminino. Então acho que depois das Olimpíadas o pessoal entendeu mais: “O futebol feminino é forte.” “O futebol feminino precisa de espaço.” Acho que depois da Olimpíadas foi onde eu senti que... Então faz pouco tempo, faz só dois anos e pouquinho, então é pouco. Já era para ter acontecido, mas depois das Olimpíadas foi onde engrenou mesmo o negócio.

M.M. - Tá bom. Karina muito obrigada, estou na torcida por vocês, já estava te vendo jogar, você joga muito mesmo e tudo de bom.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>14</sup> Sport Clube Oriente.

<sup>15</sup> Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizados em 2016.